

EMILI SÁNCHEZ RUBIO

Nací en Palma de Mallorca un 9 de abril, en el año 1983. Curso 5º de Historia del Arte en la Universitat de les Illes Balears y escribo poesía desde los 15 años, o lo que es lo mismo: desde el primer amor. Con frecuencia me pregunto porque sigo con esto de la poesía, y las más de las veces intuyo que debe ser porque a la vida le faltan versos. Me persigue la sensación de que en cada poema busco que me devuelvan algo que me robaron y es mío. Cuando escribo me duele la Luna.

He publicado 9 y 9= 18 y 9=27 (Casi treinta poemas escogidos al azar) en la Editorial Jujube que dirijo yo mismo. También 31 poemas breves en ocasión de Tertúlia@Deià 2005 (s'Encruia, 2005).

En breve aparecerá uno de mis últimos poemarios: Pájaros de plomo, en Ateneo Obrero de Gijón, colección Zigurat.

He sido antologado en el libro II Premio Internacional de Poesía Amorosa 2003 convocado por el Círculo de Bellas Artes de Palma de Mallorca.

He aparecido en revistas como Arboleda y La Bolsa de Pipas.

Entre otros títulos no publicados se encuentran Dando un masaje a los pies de una bañera; Préludes; Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas; Maries; Marines y Poemes del Museu.

Actualmente estoy preparando una antología de poetas jóvenes de Mallorca en lengua catalana.

Formo parte del grupo poético-musical Bebelgidity, que reparte sus actividades entre Barcelona, Mallorca y la isla de Menorca.

Soy colaborador habitual de El Último Jueves, recitales poéticos celebrados cada mes en Palma de Mallorca.

EMILI SÁNCHEZ RUBIO

Tradução: Greice Santini Galvão¹

Nasci em Palma de Mallorca em 9 de abril, no ano de 1983. Curso o 5º ano de História da Arte na Universidade das Ilhas Baleares e escrevo poesia desde os 15 anos, ou o que dá no mesmo: desde o primeiro amor. Com frequência me pergunto por que sigo com essa coisa de poesia, e na maioria das vezes intuo que deva ser porque faltam versos à vida. Persegue-me a sensação de procurar em cada poema que me devolvam algo que me foi roubado e é meu. Quando escrevo dói-me a Lua.

Publiquei 9 + 9=18 + 9=27 (Quase trinta poemas escolhidos ao acaso) na *Editorial Jujube* que eu mesmo dirijo. Também 31 poemas breves para a *Tertúlia@Deià 2005* (s'Encruia, 2005).

¹ Bacharel em Letras.

Em breve será publicada uma das minhas últimas coletâneas de poemas: *Pájaros de plomo*, pelo *Ateneo Obrero de Gijón*, coleção Zigurat.

Fui antologado no livro 2º Prêmio Internacional de Poesia Amorosa 2003 convocado pelo Círculo de Belas Artes de Palma de Mallorca.

Tive participação em revistas como *Arboleda* e *La Bolsa de Pipas*.

Entre outros títulos não publicados estão *Dando un masaje a los pies de una bañera*; *Préludes*; *Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas*; *Maries, Marines y Poemes del Museu*.

Atualmente estou preparando uma antologia de poetas jovens de Mallorca em catalão.

Faço parte do grupo poético-musical *Bebelgidit*, que divide suas atividades entre Barcelona, Mallorca e a Ilha de Menorca.

Sou colaborador habitual do *El Último Jueves*, recitais poéticos realizados mensalmente em Palma de Mallorca.

Poemas

Por este corazón
pasa una sangre que entra
y luego sale.
El corazón es una aduana insalvable que impulsa a seguir,
pero la sangre es un pueblo nómada que odia viajar.
Demasiado lastre para este clan que pasa con envidia
por las aldeas blancas de los quistes,
donde lo último que sucedió
fue el asentamiento del dolor que le dio su forma
y donde nunca hubo compromiso alguno con la movilidad o la esperanza.

(Inédito, 2006)

Por este coração
passa um sangue que entra
e logo sai.
O coração é uma alfândega insalvável que impulsiona a seguir em frente,
mas o sangue é um povo nômade que odeia viajar.
Entraves demais para este clã que passa com inveja
pelas aldeias brancas dos quistos,
onde o último acontecido
foi o assentamento da dor que lhe deu sua forma
e onde nunca houve compromisso algum com a mobilidade ou com a esperança.

(Inédito, 2006)

Tradução: Greice Santini Galvão

ÁRBOL I (El silencio)

Cojo un madroño.
Siento sostener una perla del silencio
picoteada por los pájaros.
Un árbol es una máquina sigilosa,
produce frutos, belleza, sombras.

(Inédito, 2005)

ÁRVORE I (O silêncio)

Colho um medronho.
Sinto sustentar uma pérola do silêncio
bicada pelos pássaros
Uma árvore é uma máquina sigilosa,
produz frutos, beleza, sombras.

(Inédito, 2005)

Tradução: Greice Santini Galvão

POEMA

No és fam,
és dent a punt d'introduir-se en el bosc de la carn.
No és ombra,
és un braç, una mà que no agafa.
No és pensament, és no cosa.

(Inédito, 2005)

POEMA

Não é fome,
é dente a ponto de se introduzir no bosque da carne.
Não é sombra,
É um braço, uma mão que não agarra.
Não é pensamento, é coisa nenhuma.

(Inédito, 2005)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório²

² Aluna do Curso de Bacharelado em Letras - Tradução.

I a mesura que es fan llargues les nits d'hivern
vaig canviant espiritualitat per preguntes en la blancor.
Esclaten bofigues a la calç viva del pensar,
i encara no es sap si la capacitat de solitud mata o porta la indestructibilitat.

(Inédito, 2005)

E à medida que se fazem longas as noites de inverno
Vou substituindo a espiritualidade por perguntas na brancura.
Explodem bolhas na cal viva do pensar,
e ainda não é sabido se a capacidade de solidão mata ou leva à indestrutibilidade.

(Inédito, 2005)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

No supimos atrapar el beso
ni vivir en el reguero blanco
que nos alargaba el verano. Piel y manzana.

Ahora hacemos inventário
de las heridas y hierbajos
en la piedra arenisca de la catedral
y trazamos rutas por donde esquivar
los muros sin luz y
esa gran nada que se nos planta delante.

Siempre vivimos donde el mar se cargó la cosecha,
donde los trens parecían pelotones abocados al óxido,
donde los cachalotes que dibujabas de niña
no lloraron al sentirse varar.

Ahora en mis ojos,
cruzando la ternura,
vagan humos y sombras.

(Pájaros de plomo, 2004)

Não soubemos capturar o beijo
nem viver no riacho branco
que nos ampliava o verão. Pele e maçã.

Agora fazemos inventário
das feridas e ervas daninhas
na pedra arenosa da catedral
e traçamos rotas por onde desviar
dos muros sem luz e
desse grande nada que surge à nossa frente.

Sempre vivemos onde o mar carregou a colheita,
onde os trens pareciam pelotões destinados ao óxido,
onde os cachalotes que desenhavas de menina
não choraram ao se sentirem varar.

Agora em meus olhos,
cruzando a ternura,
vagam brumas e sombras.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

HAY UN MENDIGO EN LA CALLE GUILLEM COLOM.

Llueve.

No va ni sucio ni limpio,
aún agacha la cabeza, es un iniciado en la pobreza.

Extiende una mano indefinida,
no se sabe si pide auxilio, otra mano,
la ligereza o una moneda.
Plomo en la nuca, en los ojos, la cabeza,
preservativos de pureza en su ademán.

Chico de la calle,
hoy eres el más rico entre los hombres,
tienes lo que a veces hecho en falta en mis poemas,
lo desconoces todo
y cuando lo aprendas,
como otros,
estarás sumido en la miseria.

(Pájaros de plomo, 2004)

HÁ UM MENDIGO NA RUA GUILLEM COLOM.

Chove.

Não está nem sujo nem limpo,
ainda abaixa a cabeça, é um iniciado na pobreza.

Estende a mão indefinida,
não se sabe se pede auxílio, outra mão,
a leveza ou uma moeda.
Chumbo na nuca, nos olhos, na cabeça,
resquícios de pureza em seu gesto.

Menino da rua,
hoje és o mais rico entre os homens,
tens o que às vezes sinto falta em meus poemas,
desconheces tudo
E quando aprendas,
como outros,
estarás submerso na miséria.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

EN NEGRO

En los zapatos ha quedado la llaga del rastrojo.
No existe betún
que cubra la raspadura de acero y bosque
con que forjaron tus ojos.

(Pájaros de plomo, 2004)

EM PRETO

Nos sapatos ficou a chaga do restolho.
Não existe graxa
que cubra a raspadura de aço e bosque
com que forjaram teus olhos.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

¿Y esto era la madurez?

¿Ver como se enciende el ojo felino
de la desconfianza mientras
oscurece a mi alrededor?

(Pájaros de plomo, 2004)

E isto era a maturidade?

Ver como se acende o olho felino
da desconfiança enquanto
escurece ao meu redor?

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

En domingo
 traen la carga de árboles muertos
 que han de dar fruto en mis infiernos.
 Sus semillas son lápidas que se dejan caer
 en los lugares comunes de mis paseos.
 Las avenidas que solo cruza mi fiebre.
 La Calle Mayor engrandecida y muda
 tras mis pies descalzos.
 Las piedras ligeras de la Catedral
 cuando te pienso.
 Los asedios de los perros en los parques
 sin motivo, y más adelante
 los niños que juegan al ping-pong de medianoche
 con el hinchazón blanco de la Luna.
 Mis infiernos también se sientan con los jóvenes
 que escupen palabras tan amargas
 como lo que han mascado en vida,
 y también junto al viejo que lucha sin remedio
 por no dormirse en el banco de aluminio.
 Mi infierno lleva por bufanda
 tu ombligo a lo lejos,
 porque los infiernos también tienen frío
 cuando las lágrimas parecen tener ya siempre
 el mismo significado.

(Pájaros de plomo, 2004)

No domingo
 Trazem a carga árvores mortas
 que têm de dar fruto em meus infernos.
 Suas sementes são lápides que se deixam cair
 nos lugares comuns de meus andares.
 As avenidas que só minha febre cruza.
 A *Calle Mayor* engrandecida e muda
 depois de meus pés descalços.
 As pedras leves da Catedral
 quando penso em ti.
 O assédio dos cachorros nos parques
 sem motivo, e mais adiante
 os meninos que jogam ping-pong à meia-noite
 com o inchaço branco da Lua.
 Meus infernos também se sentam com os jovens
 que cospem palavras tão amargas
 como o que têm mascado em vida,
 e também junto ao velho que luta sem remédio
 para não dormir no banco de alumínio.
 Meu inferno usa como cachecol
 teu umbigo ao longe,
 porque os infernos também têm frio
 quando as lágrimas parecem ter já sempre
 o mesmo significado.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

Tu tens flamarades de flors
entre la pell.

A mi tant se'm dóna
escriure versos d'amor
quan estic enamorat
o no ho estic.
Quan vaig escriure
el primer poema,
els meus pares - entre rialles -
demanaven qui era l'afortunada.
Ningú. Ningú, pares, no hi ha ningú;
jo tinc tretze anys i anguiles
al cor, pares.
- Rigueren més i no ho cregueren -.

Jo tinc un braç
llançat al futur
que es perfila
com una ombra que s'allarga
sota un xiprer,
l'altre repenja
per l'arena de la platja
on vaig escriure el nom més estimat.
I després un altre. Després un altre
també.
Però jo no tinc amor, ni abans,
quan el primer poema,
ni tampoc ara.

Jo tinc anguiles al cor, pares:
Tu tens flamarades de flors
entre la pell.

(Maries, 2004)

Tu tens labaredas de flores
entre a pele.

Para mim tanto faz
escrever versos de amor
quando estou enamorado
ou não estou.
Quando escrevi
o primeiro poema,
os meus pais – entre risadas –
perguntavam quem era a afortunada.
Ninguém. Ninguém, pais, não há ninguém;
eu tinha treze anos e enguias
no coração, pais.
- Riram mais ainda e não acreditaram.

Eu tinha um braço
lançado ao futuro
que se perfila
com uma sombra que alonga
sob um cipreste,
o outro repousa
na areia da praia
onde escrevi o nome mais estimado.
E depois um outro. Depois um outro
também.
Mas eu não tinha amor, nem antes,
no primeiro poema,
nem tampouco agora.

Eu tenho enguias no coração, pais:
Tu tens labaredas de flores
entre a pele.

(Maries, 2004)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Quiero salir
más allá de los campos
para abrazarte
y ser el mundo
robándote unas cerezas.
Seré las cerezas
cuando mis dolores
sean
si es necesario
más fuertes que los oráculos.
Comprenderás que soy dueño
de la llave de todos tus huertos
cuando me sorprendas
ascético
sentado en comunión con los higos.

(Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas, 2003)

Quero sair
muito além dos campos
para abraçar-te
e ser o mundo
roubando-te algumas cerejas.
Serei as cerejas
quando minhas dores
sejam
se é necessário
mais fortes que os oráculos.
Compreenderás que sou dono
da chave de todos os teus pomares
quando me sorprendas
ascético
sentado em comunhão com os figos.

(Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas, 2003)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni³

³ Bacharel em Letras.

6 de la mañana.
Cielo azul. Pájaros en las ramas.
Me fumo mi primer cigarrillo,
hay una brutal sensación de libertad en mi aire.

La imagen de la mujer que yo quiero, se me reproduce,
mi corazón late más fuerte que el Sol.
Cuando alzo la cabeza
la felicidad y el miedo son un mismo sentimiento.

Estoy fuertemente enamorado,
danzo con los árboles
y charlo pausadamente con las piedras.

(Dando un masaje a los pies de una bañera, 1999-2001)

6 da manhã.
Céu azul. Pássaros nos ramos.
Fumo meu primeiro cigarro,
há uma brutal sensação de liberdade no meu ar.

A imagem da mulher que eu amo me é reproduzida,
meu coração pulsa mais forte que o Sol.
Quando ergo a cabeça
a felicidade e o medo são um mesmo sentimento.

Estou profundamente apaixonado,
danço com as árvores
e converso pausadamente com as pedras.

(Dando un masaje a los pies de una bañera, 1999-2001)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

Ella me miró 27 soles consecutivos,
yo respondí: “encontrémonos
en las páginas centrales de mis indecisiones”.

Entonces nube.

Cuando volví a buscarte
los perros habitaban la ciudad. Iban de frac y lucían elegantes bastones.

Té encontré y en la casa de siempre
(sucio balcón y arquitectura del XIX).
Ahora habitabas las horas tras el armario de terciopelo rojo.
Aún así, al verte asustada,
con los ojos vacíos,
aún así, intuyendo tu muerte
y parte de la mía (tú sin comer),
marché sin fuerzas, bajé las escaleras
y como uno más me mezclé entre los perros.

No té ladraré. Yo te aúllo.

(Préludes, 2002)

Ela me olhou 27 sóis consecutivos,
eu respondi: “encontremo-nos
nas páginas centrais das minhas indecisões”.

Então nuvem.

Quando voltei para buscar-te
os cães habitavam a cidade. Iam de fraque e exibiam elegantes bengalas.

Encontrei-te e na casa de sempre
(suja sacada e arquitetura do século XIX).
Agora habitavas as horas atrás do armário de veludo vermelho.
Ainda assim, ao ver-te assustada,
com os olhos vazios,
ainda assim, intuindo tua morte
e parte da minha (tu sem comer),
parti sem forças, desci as escadas
e como mais um me misturei entre os cães.

Não te ladrarei. Eu te uivo

(Préludes, 2002)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni